

Guilherme Scalzilli (nota sobre o livro Acrimônia)

Leo Gilson Ribeiro

Caros Amigos nº 67, 2002-10. Aguardando revisão.

Guilherme Scalzilli é, fora de qualquer dúvida, um dos raros autores jovens brasileiros mais absurdamente talentosos. Se seu primeiro livro *A Colina* já demonstrava que ele está a um passo da genialidade, agora este segundo livro de contos, *Acrimônia*, será praticamente impossível distinguir qual é o conto mais arrojado, mais revolucionário. Porém, é certamente, em minha opinião, uma revolução do conto do mesmo teor que *Finnegans' Wake* de Joyce. É originalíssimo – um motoqueiro fazendo suas entregas em meio à autêntica guerra, comédia e risco de morte que é o trânsito de qualquer metrópole brasileira. Chama-se “O Vingador Mascarado” e tem a dinamite dos últimos contos de Hilda Hilst, como “Teologia Natural” ou “O Vicioso Kadek”.

Guilherme Scalzilli lembrará, para muitos, a tendência naturalista de Zola a Kafka. Outros ótimos autores modernos trataram também da vida dos *under-dogs*, a ninguenzada dos excluídos e dos modernos semiescravos da nossa era tecnológica turbinada até à loucura, o crime, a ausência de pensamento ou emoção. João Antônio, carioca e paulista, autor de *Leão de Chácara*, entre muitos outros, o quase demoníaco Dalton Trevisan e até a coleção de contos, que hoje, perdão, me parece que envelheceu, *O Cobrador*, de Rubem Fonseca; no entanto, foi uma das matrizes, junto com as admiráveis letras de protesto e oposição civis de Chico Buarque e da música popular brasileira mais da época da ditadura de 1964. Também o curitibano Jamil Sene, que li perante uma plateia de duzentos e tantos alunos e alunas em Diadema, cidade-dormitório em torno de São Paulo. Lembro-me que uma grande parte dos estudantes universitários ficou siderada com os contos de Jamil Sene.

Mas o desenvolvimento célere da criação da melhor literatura contemporânea brasileira, se por um lado tem seus numerosos impostores e impostoras já natimortos pela anemia de talento e sinceridade, Guilherme Scalzilli – como também Raduan Nassar, mas cada um no seu estilo, embora coincidentes na incomunicabilidade retratada por Ionesco em seu teatro e pela monstruosa e fascinante pintura de Francis Bacon -, repetindo-me: Guilherme Scalzilli não terá limites prognosticáveis de quê? De um Robespierre da literatura atual brasileira? De Danton? Um nosso Thoreau irado? Um dos *angry youn men* do breve teatro moderno inglês do grupo *Looking back in Anger*? Qualquer aposta no seu nome e grandeza crescentes não cabe em

qualquer roleta de qualquer cassino ou sala de vidência do mundo. Guilherme Scalzilli é talvez a voz mais intensa e séria do Brasil de nossos dias: uma voz por vezes intencionalmente chula, melancólica e descrente por temperamento; esganiçada quando necessário, mas que presença fulgurante!